

# Reencontro da subjetividade no idoso institucionalizado através das oficinas terapêuticas

*Rediscovery of subjectivity in the institutionalized elderly through therapeutic workshops*

**Josimeire Conceição Faria Gaipo, Mireny Barbosa Gomes Fonseca, Cláudia Ferreira Melo Rodrigues, Nívea de Fátima Gomes**

## Resumo

O objetivo geral deste trabalho foi descrever o impacto subjetivo causado nos idosos e as formas de qualidade de vida destes pacientes através de oficinas terapêuticas, nas quais eles são coagidos a seguirem regras, desencadeando a perda da subjetividade. Portanto, este estudo é relevante porque, através de oficinas terapêuticas, o sujeito idoso poderá ter a chance de manifestar tudo sobre si, expressando seus desejos e sofrimentos. Assim, é importante buscar estudos voltados para a realização de oficinas terapêuticas para promover, entre os sujeitos idosos, uma interação, trocas de experiências e manifestações de desejos, possibilitando a (re)construção e o reaparecimento da sua subjetividade em um contexto em que tudo é coletivo. Como a institucionalização compromete a qualidade de vida do idoso asilado, as oficinas podem minimizar tais efeitos.

## Palavras-chave

Idoso, subjetividade, institucionalização.

## Abstract

*The general objective of this work was to describe the subjective impact caused on the elderly and the forms of quality of life of these patients through therapeutic workshops, in which they are coerced to follow rules, triggering the loss of subjectivity. Therefore, this study is relevant because, through therapeutic workshops, the elderly subject may have the chance to express everything about themselves, expressing their desires and sufferings. Thus, it is important to seek studies aimed at conducting therapeutic workshops to promote, among the elderly subjects, an interaction, exchange of experiences and manifestations of desires, enabling the (re)construction and reappearance of their subjectivity in a context in which everything it's collective. As institutionalization compromises the quality of life of the elderly asylum seekers, workshops can minimize such effects.*

## Keywords

*Lorem, ipsum, dolor Elderly, subjectivity, institutionalization.*

## **Josimeire Conceição Faria Gaipo**

Graduada em Psicologia (Faculdade Pitágoras) e pós-graduanda em Psicanálise e Saúde Mental (PUC Minas). Atende no Espaço Afeto Especialidades, em Nova Serrana (MG).

[josimeirefaria@gmail.com](mailto:josimeirefaria@gmail.com)

## **Mireny Barbosa Gomes Fonseca**

### Faculdade Pitágoras

Mestre em Psicologia (PUC Minas), especialista em Clínica Psicanalítica nas Instituições de Saúde (PUC Minas), graduada em Psicologia (PUC Minas), professora universitária, supervisora clínica e coordenadora da Pós-Graduação em Psicologia Hospitalar e da Saúde (INEXPSI).

[mirenypsi@hotmail.com](mailto:mirenypsi@hotmail.com)

## **Cláudia Ferreira Melo Rodrigues**

### Faculdade Pitágoras

Psicanalista, graduada em Psicologia (FUNEDI/UEMG), especialista em Gerontologia Social (FUNEDI/UEMG), mestre em Educação, Cultura e Organizações Sociais (FUNEDI/UEMG), doutora em Ciências da Saúde (UFSJ) e docente no curso de Psicologia da Faculdade Pitágoras – Divinópolis (MG).

[melo.claudia@hotmail.com](mailto:melo.claudia@hotmail.com)

## **Nívea de Fátima Gomes**

### Faculdade Pitágoras

Mestre em Estudos Psicanalíticos (UFMG), graduada em Psicologia (UFMG), pós-graduanda em Psicopatologia da Infância e Adolescência (Instituto de Ensino e Pesquisa do Hospital Santa Catarina de Blumenau/UNIFEBE) e professora do curso de Psicologia da Faculdade Pitágoras.

## A velhice em sua contextualização

O envelhecimento deve ser entendido como um processo natural da vida, que traz consigo algumas alterações sofridas pelo organismo, consideradas normais para esta fase. Envelhecemos desde o momento em que nascemos. Logo, como cita Messy (1999, p. 18), “se envelhece conforme se vive”. Podemos considerar o envelhecimento como um processo, a velhice como uma etapa da vida e o idoso como o resultado e o sujeito destes, assim como sugere Netto (2002).

Incluindo os processos maturacionais e alguns aspectos, como a rotina e a massificação que a instituição causa no sujeito, surgem relevantes pontos que devem ser considerados ao se pensar na lógica dos discursos produzidos pelo sujeito velho, a partir de mudanças que se deparam com novas condições de vida, novas formas de viver a velhice e a relevância social dentro de um ambiente institucionalizado.

A segregação asilar é, por exemplo, assim descrita: o despojamento de todos os objetos e o parco salário pelo qual os asilados, aposentados ou não, poderiam escolher pequenas coisas que lhes trazem símbolos de suas diferenças – isso tudo dissolvido diante da sobrevivência que se torna uma insuportável espera da morte (MUCIDA, 2012).

Desta forma, é possível entender o impacto que tudo isso pode causar na vida do sujeito idoso, analisando formas para a (re)construção da subjetividade de cada idoso ou até mesmo de grupos inclusos no contexto institucional, através de oficinas terapêuticas.

Quais são as funções das oficinas terapêuticas para idosos em ambientes asilares? Elas promovem entre os sujeitos idosos uma interação, trocas de experiências e manifestações de desejos, possibilitando o reaparecimento de sua subjetividade em um contexto no qual tudo é coletivo: roupas e sapatos. A institucionalização compromete a qualidade de vida e massifica o sujeito idoso asilado. Assim, as oficinas podem minimizar tais efeitos, havendo a chance de manifestar desejos e sofrimentos.

Este trabalho tem como objetivo entender, por meio das oficinas terapêuticas, a perda de identidade do sujeito idoso no contexto institucionalizado, bem como apresentar os efeitos observados e descrever a importância de se resgatar a subjetividade dos idosos que estão em ambientes institucionalizados.

## O sujeito envelhecido e sua relação com o corpo e sua subjetividade

Nesta perspectiva, a velhice é percebida como fenômeno natural e social que se desenrola sobre o ser humano, único, indivisível e que, na sua totalidade existencial, se defronta com problemas e limitações de ordem biológica, econômica e sociocultural que singularizam seu processo de envelhecimento. Deste modo, somente uma descrição analítica dos diferentes aspectos da velhice não é considerada suficiente para explicá-la, visto que cada um desses aspectos interage com todos os outros e é por eles afetado. De acordo com Beauvoir (1976), é no movimento indefinido desta circularidade que se deve apreendê-la.

O termo velhice é considerado para uns como o último ciclo da vida, que independe de condições de saúde e hábitos de vida; é um processo individual e natural e que pode vir acompanhado de várias perdas, principalmente psicomotoras, sociais, culturais, subjetivas e cognitivas. A velhice é como uma construção social que cria diversas formas de se entender o mesmo fenômeno, dependendo de cada cultura e sendo diferente para cada idoso (MANZARO, 2014).

Os sujeitos têm uma sensação ambígua na relação que estabelecem com o tempo cronológico. Para alguns, o processo com o envelhecer é vivenciado como um momento muito doloroso, como se, por exemplo, muitas portas e caminhos se fechassem e não houvesse mais um lugar, uma referência que os contivessem (MUCIDA, 2012).

Lévi-Strauss (1997[1950]) traz reflexões acerca do conceito de identidade, salientando que, em primeiro lugar, ela é definida como um componente do universalismo, aquele que os antropólogos opõem à infinita diversidade de culturas e sociedades. É o mínimo de identidade que funda a unidade do humano e faz com que as mais diversas experiências humanas sejam, ao menos em parte, mutuamente inteligíveis. O segundo comentário é uma crítica de qualquer ideia de identidade substancial. Cada sociedade e cada cultura dividem a identidade em uma profusão de elementos cuja síntese, a cada momento, coloca um problema. No coração das sociedades, então, a identidade sempre se esconde. É o “mito da insularidade”: a identidade é uma espécie de abrigo virtual ao qual é indispensável referir-se para explicar um determinado número de coisas, sem que este tenha jamais uma existência real. No entanto, se essa referência é indispensável, é porque existem, em outra parte, outras razões para a identidade. É preciso procurá-las nos limites, nas fronteiras, nos contatos.

Complementando, Lévi-Strauss (1997[1950]) enfatiza que a identidade remete, portanto, a um alhures, a um antes e aos outros. Antes que como abrigo virtual sem existência real, segundo uma concepção definitivamente autocentrada da identidade, ela pode ser descrita como um caldeirão de enunciados ou declarações de identidade alimentado por suas relações com o alhures, o antes e os outros, que lhe transmitem feixes de informações heterogêneas, insuflando-lhe diversidade. A crítica do essencialismo da identidade, já realizada do interior, pode agora ser construída partindo-se do exterior para o interior. Toda identidade, ou melhor, toda declaração identitária, tanto individual quanto coletiva, é, então, múltipla, inacabada, instável, sempre experimentada mais como uma busca que como um fato.

Para Messy (1999), o tempo deixa suas marcas em nosso rosto. Cria-se um descompasso, como uma fuga do idêntico ou o deslizamento da identidade. Todos nós ficamos algum dia espantados com um velho retrato nosso: “Era eu nesta foto? Como eu era jovem!” Era, não sou mais.

Uma citação muito interessante é pontuada por Birman (1995, p. 23, grifos do autor) e nos ajuda a refletir sobre os conceitos:

Velho na percepção dos “envelhecidos” das camadas médias e superiores está associada à pobreza, à dependência e à incapacidade, o que implica que o velho é sempre o outro. A expressão “idoso” designa uma categoria social, no sentido de uma corporação, o que implica o desaparecimento do sujeito, sua história pessoal e suas particularidades. Além disso, uma vez que é considerado apenas como categoria social, o idoso é alguém que existiu no passado, que realizou o seu percurso psicossocial e que apenas espera o momento fatídico para sair inteiramente da cena do mundo.

Para Beauvoir (1976), o sujeito velho é um indivíduo que interioriza a própria situação e a ela reage. Esse fato encerra a velhice em uma pluralidade de experiências individuais que impossibilita retê-la em um conceito ou noção ao investigá-la, deixando ao alcance do pesquisador somente a possibilidade de confrontar as diferentes experiências de envelhecimento umas com as outras e a tentativa de identificar as constantes e determinar as razões de suas diferenças.

É importante ressaltar que o envelhecimento costuma aparecer mais claramente para os outros do que para o próprio sujeito. Ele é um novo estado de equilíbrio biológico. Se a adaptação às novas condições de vida se

opera sem choques (doenças crônicas, graves acidentes etc.), o indivíduo que envelhece costuma ter uma sensação de continuidade do seu status quo (ROSA; VILHENA, 2016).

De acordo com Mucida (2012), somos rodeados por três tipos de morte: a morte social, que é, para os homens, uma consequência da exclusão nas atividades produtivas e, para as mulheres, pelo fato da não-reprodução; a morte psiquiátrica, que é uma espécie de decomposição do psiquismo que anuncia a terceira morte, que ocorre através da decomposição da carne.

Assim como Foucault (1997) se pergunta quem é o homem, num processo metonímico, é possível indagar-se: quem é o idoso de hoje? A resposta a essa questão é bastante complexa, pois pressupõe que se descreva a subjetividade de idoso assumida por pessoas que vivem nessa faixa etária. Levando-se em conta que a subjetividade é o trabalho (ainda que movido e sempre inacabado) de um processo de subjetivação (FOUCAULT, 1997).

Goffman (1987[1961]) afirma que o ser idoso, ao ser institucionalizado, sente-se mortificado no seu “eu”, sem vida; isso significa que ele existe no sentido ontológico do ser. É a existência como experiência nua do ser. O idoso se vê dentro de um existir e não verdadeiramente como um ser existente na sua existência. Esse sentimento de não se sentir íntegro em sua subjetividade o faz distanciar-se do mundo. E o faz desejar não mais pertencer ao mundo real e desprender-se de sua existência, de seu ser.

Os modos de objetivação constroem saberes e subjetividades e transformam os seres humanos em sujeitos de um discurso. Contudo não se trata apenas de uma força que se impõe sobre o sujeito, pois há de se considerar o trabalho dele sobre esses discursos. Fischer (2012, p. 55), ao comentar a teoria foucaultiana, explica que:

há dois sentidos para a palavra sujeito: sujeito submetido aos outros, através do controle e da dependência, e sujeito preso à sua própria identidade, através da consciência ou do conhecimento de si. Em ambos os casos, essa palavra sugere uma forma de poder que subjuga e assujeita.

Ao dialetizar o envelhecimento do sujeito, se desfaz a ideia de que este não envelhece e de que desconhece o tempo. Assim, tem-se a noção de que todos envelhecem e tudo se modifica no decurso do tempo. A partir disso, temos novas inscrições e transcrições de traços. Há de se pensar na velhice como um momento no qual há certo enfraquecimento do tempo presente devido a mudanças nos laços afetivos e sociais, além das perdas sofridas e da desesperança em relação ao futuro (MUCIDA, 2012).

Para Mucida (2012), a velhice se “apossa” de alguém, e o faz inesperadamente. A autora também descreveu a velhice como algo que surge de forma brutal. Há uma ruptura, uma quebra no envelhecimento, algo ligado aos feitos do sujeito, às perdas e aquisições, uma ruptura causada pela perda de outra perda. O corpo que envelhece e faz laço com a mente não alcança a velhice. Não há como negar a dificuldade de aceitar a velhice. A cada dia que passa, envelhecemos mais e mais, e há uma fraqueza e um desgaste nesse processo. O inconsciente, em contrapartida, não o aceita, não envelhece (MUCIDA, 2012).

O sujeito, a partir das relações que vivencia no mundo, produz significações, e, como ser significante, vivenciar esta sua condição de ser lhe permite singularizar os objetos coletivos, humanizando a objetividade do mundo. Suas significações, aliadas às suas ações, em movimento de totalizações abertas, compõem o sujeito que vai sendo revelado por expectativas. Em cada ato considerado, em cada gesto ou significação, o sujeito está se revelando como um todo, pois, em cada perspectiva

considerada, encontramos aí o homem total, objetivando-se num determinado sujeito (MAHEIRIE, 1994).

Messy (1993) anuncia que “a pessoa idosa não existe”, considerando que não é possível abordar o “idoso” como categoria individual, uma vez que a velhice é um estado. Credo nisso, só é possível falar de idoso como categoria social. É sempre um lugar ocupado por um certo sujeito no olhar do outro, da família, dos mais jovens. Enfim, só se pode ser velho a partir do olhar da coletividade. O autor traz a velhice do ponto de vista da percepção: pelo espelho, o sujeito se vê envelhecendo fisicamente e, ao se dar conta disto, nada pode esperar além da aproximação da morte.

Freud também, dois anos antes de sua morte, sentiu a vida ameaçadora, como podemos notar no trecho desta carta para Arnold Zweig (GOLDFARB, 1998):

Não gostaria de durar mais, pois tudo ao meu redor está se tornando mais sombrio, mais ameaçador e a consciência de minha própria situação mais aguda... O medo de que o processo de envelhecimento acarrete a perda de parte importante da personalidade ainda intacta é um fator para que meu desejo de vê-lo torne-se mais urgente (FREUD, 1996 [1915], p. 112).

A subjetividade é sempre um processo; é necessário um Outro para se constituir, e, como é um processo, está sempre na construção através das relações. No asilo, havia pouco incentivo para a expressão da subjetividade, já que havia pouca socialização. Ao idoso, para resistir ao processo de massificação e apagamento por parte da instituição, faz-se necessária a realização de intervenções como as oficinas terapêuticas para o surgimento do sujeito do inconsciente atemporal.

## Instituição total – Os efeitos da institucionalização acerca do sujeito envelhecido

Goffman (1987[1961]) realizou uma pesquisa de campo no St. Elizabeths Hospital, em Washington (D.C.), nos Estados Unidos, em 1955-1956, cujo objetivo era tentar conhecer o mundo social do internado em hospital, procurando captar a perspectiva subjetiva dele. Ele passava os dias com os pacientes, e a direção do hospital sabia dos seus objetivos. Partindo dessa pesquisa de campo e utilizando uma ampla bibliografia, o autor elaborou o conceito de “instituição total”, caracterizando-a pelo seu “fechamento” mediante barreiras que são levantadas para segregar os internados do contato social com o mundo exterior. As proibições à saída estão muitas vezes incluídas no plano físico e arquitetônico da instituição. Seu traço principal é que ela concentra todos os diferentes aspectos da vida de uma pessoa (trabalho, lazer, descanso) no mesmo local e sob a autoridade de uma equipe dirigente. Goffman (1987 [1961], p. 11) define a instituição total “como um local de residência e de trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por um período considerável de tempo, leva uma vida fechada e formalmente administrada”.

É necessário que os idosos sigam as regras da instituição, desde o início até o final do dia, todos os dias em que estão lá, desencadeando a perda subjetiva. No decorrer do processo de institucionalização, o sujeito deixa de ser encarado como um objeto singular, vivo e humano, passando a ser compreendido como objeto de trabalho, como uma tarefa a ser cumprida (GOFFMAN, 1987 [1961]).

Asilam-se os traços de uma profissão exercida, os traços marcados em pequenos objetos, as lembranças marcadas na parede de um quarto, de uma cozinha, nas paisagens do dia a dia, nos odores que povoam cada ambiente, pequenos matizes com as quais cada sujeito tece sua cobertura de vida [...] Tudo isso é deixado para trás com a entrada no asilo-exílio. Essa representa para muitos a “aposentadoria” da possibilidade de desejar (MUCIDA, 2012, p. 12, grifo da autora).

A institucionalização na velhice desencadeia consequências nos internos. Goffman (1987[1961]) observou um mecanismo de defesa adotado pelos internos das instituições totais, denominado como “tática de afastamento”: o internado aparentemente deixa de dar atenção a tudo, com exceção dos acontecimentos que cercam o corpo. De acordo com seus estudos, são relatados pelos idosos a queixa de que sentem falta dos relacionamentos e os laços afetivos estabelecidos nos primórdios da vida. Devido à organização da rotina e às práticas de cuidado nos asilos, não favorecem o estabelecimento de formação de vínculos (GOFFMAN, 1987 [1961]).

Os processos de mortificação dos sujeitos, desencadeados pela instituição total, são relativamente padronizados. A vida nas instituições totais caminha para o isolamento e a fragmentação do sujeito desde a sua admissão, quando a identidade e o nome pessoal são trocados por um número e suas roupas e adornos pessoais são trocados por uniformes, ou, ainda, como ocorreu na maioria dos asilos, por roupas e pertences coletivos (GOFFMAN, 2010 [1961], p. 15).

De acordo com Vieira (1997), nas instituições, o tempo não é mais o próprio; ele se reduz à tirania cronológica referenciada pela equipe dirigente, a qual controla o tempo: tempo de acordar, tempo de comer, tempo de dormir. O tempo, nesse contexto, é arbitrariamente controlado pela cadência e pelo ritmo das atividades diárias da instituição. É justamente esse controle temporal que contribui para a sensação de perda e expropriação.

As instituições totais, como os asilos de velhos, impõem uma barreira de fechamento, de modo que impedem a relação do interno com o mundo externo. Esta relação pode ser feita por proibições à saída ou pelo esquema estrutural: portas fechadas, grades, muros altos, construção em áreas afastadas (GOFFMAN, 1987 [1961]).

Em função do controle sobre os sujeitos, Goffman (1987[1961]) alerta para a perda do eu ocasionada pela institucionalização. Em relação à organização de tais instituições, o autor destaca a existência de uma divisão entre a grande massa controlada (grupo dos internados) e uma pequena equipe supervisora.

[...] é corpo-sujeito que vive sua história [...] expressa o mundo, os outros, a existência, seus amores, suas revoltas, seu desespero, sua esperança, de um modo particular e único. Compreender esse pensamento é penetrar em sua vida, em seu mundo, em seu estar nele corporificado. Para escutar esse Ser corporificado há que se imbuir e se impregnar de suas palavras e gestos (MELO, 2004, p. 58).

Para o idoso institucionalizado, as perdas são muitas, e isto justifica a grande incidência de estados depressivos, sentimentos de solidão e limitação das possibilidades de uma vida ativa. Há uma espécie de isolamento. Muitas vezes privado de suas atividades familiares e sociais, ele vive uma situação limitada e prejudicada, e, mesmo que tenha

monitoramento da sua saúde física, algo lhe falta, como a mobilidade social e a vida afetiva e sexual, além de autonomia financeira (MARIN *et al.*, 2012).

O poder e o cotidiano institucional podem naturalizar práticas indignas que violam os direitos dos cidadãos e passam a ser entendidas como corriqueiras e necessárias para a manutenção da ordem (FURLAN; ALVAREZ, 2016).

Nessas situações, a condição de cidadania dos humanos idosos é deixada de lado, os assujeitando e os colocando numa situação de excluídos, depositados e abandonados em distintas instituições. Entretanto, se o poder e o cotidiano institucional forem organizados de modo a incluir aqueles que vivenciam o contexto da instituição, por meio do respeito e da responsabilidade com esses sujeitos, será garantida a inclusão destes nas decisões a serem tomadas acerca de suas vidas, reconhecendo-os como sujeitos de direitos (FURLAN; ALVAREZ, 2016).

### A importância das oficinas terapêuticas realizadas em instituições (ILPI) para o resgate da subjetividade do sujeito idoso

Pensando na característica subjetiva que cada sujeito possui, principalmente aquele que, por algum motivo, não se manifesta por estar incluso em um contexto institucionalizado, faz-se necessário destacar a importância de se resgatar a subjetividade dominante ao sujeito idoso no asilo.

As oficinas terapêuticas relatadas neste trabalho foram realizadas em 2018, durante o 6º período de estágio do curso de Psicologia, na cidade de Divinópolis (MG), em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI), socialmente conhecida como asilo. A instituição está ligada a uma rede filantrópica, na qual estão inseridos os Vicentinos. Dentre as queixas apresentadas pelos idosos durante a realização de estágio, destacaram-se a dificuldade de se manter laços com outros idosos e o apagamento da singularidade pela rotina da instituição. A proposta das oficinas, no geral, foi proporcionar oportunidades de inteiração e expressão, contribuindo para a qualidade de vida de cada idoso dentro da ILPI.

Dentre as oficinas realizadas, uma específica, a denominada “Caixa Terapêutica”, possibilitou o reaparecimento de algo que poderia estar ou não perdido, em consequência do envelhecimento e deslizamento de identidade causado pela instituição. Durante a atividade, são disponibilizados para cada idoso uma caixa de papelão de sapatos, tintas guaches, lápis, canetas, tecidos, rendas, colas e recortes de revistas. As oficinas eram realizadas uma vez por semana, quando o grupo era convidado a se reunir no pátio da instituição.

Em torno de uma mesa, os idosos executavam os trabalhos manuais com a finalidade de ornamentar sua própria caixa, na qual poderiam guardar seus itens. Foi criado, a partir desta oficina, um espaço de expressão da singularidade de cada um deles, promovendo relaxamento, além dos vínculos, e reforçando a inteiração e os laços. Segundo Lane (2004), a interação permite a elaboração e a produção de novos sentidos singulares para suas vivências particulares, sendo muito importante para a produção do vínculo grupal. “Antes não conversávamos entre nós; era cada um no seu quadrado” (residente da ILPI).

Quando se reúnem em um grupo para discutirem seus problemas, as pessoas percebem que estes problemas não são exclusivos ou individuais, pois, ao escutarem os companheiros do grupo, descobrem que há muitos aspectos em comum, decorrentes da condição de vida e do contexto em que todos vivem. Foi proporcionado o resgate de sentimentos, afetos e lembranças da história de cada um deles, com recordações de construções e

experiências do passado que a rotina da instituição pode aterrar. “Antes de vir para cá, era caminhoneiro” (residente da ILPI).

Após uma volta de uma internação hospitalar, o sujeito idoso relatou emocionado: “Tive medo de morrer; me deu um desespero” (residente da ILPI). Já outro idoso diz “estar à espera da morte” (residente da ILPI).

As oficinas terapêuticas trazem a interação social e incentivam as funções biopsicossociais, auxiliando como facilitadoras na adaptação às novas situações vividas pelo idoso institucionalizado (D’ORSI; XAVIER; RAMOS, 2011). Diante do exposto, torna-se necessário abordar o processo do envelhecer como foco principal de discussões sobre o contexto contemporâneo, em especial a abertura de novos espaços sociais. O isolamento social recai sobre os idosos, e isto deve ser lembrado e trabalhado pelas instituições e por todos os envolvidos.

Acredita-se que as oficinas terapêuticas permitem a manutenção da funcionalidade cognitiva e motora, além de promoverem a socialização, a autonomia e a independência nas atividades de vida diária, bem como possibilitarem a expressão da subjetividade.

De modo geral, a vivência grupal proporciona reflexão sobre a maneira de estar no mundo, valores, direitos e relações com a coletividade. Quando implementada de maneira criativa e adequada, proporciona uma atmosfera de aceitação e ânimo para discussão e reflexão sobre novas atitudes e o envolvimento das emoções e dos sentimentos junto às cognições, constituindo-se em meio facilitador para a consciência de aspectos importantes envolvidos no dia a dia que normalmente são despercebidos (SILVA, 2002).

Os grupos para idosos são espaços que utilizam o diálogo e a comunicação como a base de suas atividades. São inúmeros os benefícios advindos da participação neste tipo de proposta de intervenção: trocas sociais, de experiências e dificuldades, aprendizagens, estímulo das capacidades cognitivas, apoio emocional, favorecimento de sentimentos positivos, compartilhamento de preocupações, dúvidas e medos e a emergência de soluções criativas para os problemas enfrentados no cotidiano (MENDIZÁBAL; CABORNERO, 2004).

É importante ressaltar que os idosos necessitam obter êxito em suas tarefas para que se sintam motivados a continuar. Em geral, eles se preocupam em realizar as tarefas com maior exatidão, o que interfere no tempo de execução, temem situações que gerem ansiedade e sentem-se inferiorizados quando fracassam (SANTOS; SÁ, 2000).

As intervenções da equipe interdisciplinar são indispensáveis, porém, tratando-se de um objetivo maior e comum a essa equipe, os distintos espaços terapêuticos devem possibilitar uma avaliação ampliada da pessoa, para que possa ser acessada como um todo, percebendo, assim, suas manifestações diante do coletivo (FARIAS *et al.*, 2016).

A função terapêutica da oficina é dada, de partida, pela própria convivência que ela instaura, através da relação que se estabelece entreicineiros e pacientes e, principalmente, entre os próprios pacientes. O valor construído para a oficina refere-se diretamente ao seu potencial para transcender a dimensão da racionalidade, da palavra e do verbalizável, proporcionando ao paciente a possibilidade de se manifestar por meio de todas as expressões possíveis e levando-o, assim, a uma maior percepção e consciência de si mesmo (FARIAS *et al.*, 2016).

No decorrer da carreira acadêmica de uma das autoras deste artigo, foi vivenciada, no 6º período do curso de Psicologia, uma experiência única de estágio realizado na instituição asilar Frederico Ozanan, onde foram levantadas as demandas a serem trabalhadas, visando a resgatar nos idosos sua singularidade enquanto sujeitos. Diante disso, foi proposta a realização



de oficinas para a construção da “Caixa Terapêutica” nas quais os idosos expressaram sua subjetividade a partir da criação de algo particular. Como resultado, foram percebidos uma maior socialização do grupo e um aumento da motivação para a realização de outras atividades, o que ajudou a resgatar a individualidade, num contexto em que tudo é coletivo, oferecendo ao idoso institucionalizado a oportunidade para manifestar as suas habilidades e possibilitando o resgate da autoestima. “Não sabia que eu conseguia pintar assim” (residente da ILPI).

As oficinas terapêuticas proporcionam um espaço de valorização do sujeito, criando condições de uma melhor qualidade de vida, com ações terapêuticas e interdisciplinares. Em suas atuações, buscam unir saúde, convívio social, cultura e produtividade, dando condições para uma transformação do sujeito desmotivado em um sujeito produtivo (SANTOS; SÁ, 2000).

Vários idosos relataram conflitos pessoais e o sentimento de abandono. “A minha família me deixou aqui e não me buscou mais” (residente da ILPI). Muitos deles apresentam sofrimento mental, deficiências físicas e doenças, como o Alzheimer. Percebemos que estavam muito ociosos e não conversavam, mantendo pouco contato uns com os outros e não havendo espaço para expressão da subjetividade.

A oficina terapêutica é um espaço de construção de saberes mútuos, no qual todos aprendem e todos ensinam. Além de todos esses benefícios, há a interação e cooperação entre os profissionais envolvidos e os cuidadores, que sabem que podem contar com o apoio, não só profissional, mas também emocional, obtido através de conversas e trocas de experiências (SANTOS; SÁ, 2000).

Eram idosos institucionalizados à espera da família ou da própria morte. “Há uma angústia de não estar vivendo preso aqui, mais do que da própria morte” (residente da ILPI). Com o desenvolvimento do trabalho, tivemos como resultado a expressão da subjetividade, melhorando a interação entre eles, aumentando a troca de experiências e resgatando suas memórias e seus sentimentos. “Vou colocar o colar que eu ganhei dentro da caixa que estou fazendo” (residente da ILPI).

De acordo com Araújo, Coutinho e Carvalho (2005), as representações que surgem nas relações sociais são pautadas em construções simbólicas que recebem significados conforme o contexto histórico e social nos quais estão imersas. Sendo assim, a representação social da velhice adquire novos significados ao logo da história, integrando-se aos aspectos socioculturais dos idosos de diferentes grupos.

Foram percebidos uma maior socialização do grupo e um aumento da motivação para a realização de outras atividades, como desenhos, recortes e colagens de gravuras, além do resgate de lembranças. O fato de cada um deles construir a sua própria caixa ajudou a resgatar a sua individualidade, num contexto em que tudo é coletivo. “Eu vou colocar tinta amarela, vermelha e decorar com renda a minha caixa” (residente da ILPI). “Não tenho minhas roupas; a mesma roupa que eu uso fulano de tal usa” (residente da ILPI). Os idosos também conheceram um pouco das histórias uns dos outros, o que possibilitou uma maior interação entre eles.

Podemos ver que as (im)possibilidades no trabalho com grupos de idosos em ILPI possuem condições e peculiaridades distintas que configuram diferentes arranjos e modos de conduzir a prática, que é atravessada não apenas pelo cotidiano institucional.

Dependendo do modo como a instituição se configura, empreendida pelo poder institucional que está colocado nas mãos daqueles que dirigem a instituição e seus profissionais, pode ser fator de alienação e levar à solidão e ao isolamento.

O poder e o cotidiano institucional podem naturalizar práticas indignas que violam os direitos dos cidadãos e passam a ser entendidas como corriqueiras e necessárias para a manutenção da ordem (FURLAN; ALVAREZ, 2016). “Aqui no asilo é necessário seguir regras. De segunda a segunda é a mesma rotina. Nunca fazemos nada de diferente. Somente a missa de 15 em 15 dias é algo diferente” (residente da ILPI). “Saudades da minha casa. Nela eu podia tomar banho no horário que eu queria, sair na rua, conversar com pessoas diferentes” (residente da ILPI).

Na realização das oficinas terapêuticas no asilo, torna-se evidente a necessidade de se resgatar lembranças e afetos e a subjetividade do idoso enquanto sujeito. Consequentemente, a restrição asilar causa a desconstrução de inúmeras possibilidades de envelhecimento bem-sucedido. A relevância de se manter o que foi adquirido no decorrer da vida é essencial. “Penso que, às vezes, o problema não foi ficar velho, e sim vir para o asilo” (residente da ILPI). “Com as oficinas terapêuticas, fazemos uma atividade diferente toda semana” (residente da ILPI).

A velhice, embora seja uma conquista, traz, ao mesmo tempo, o desafio de descobrir como pode ser desfrutada. Assim, a questão sobre como reatualizar as experiências passadas que possibilitem o envelhecer de um sujeito de forma satisfatória nessa fase, tanto no nível individual quanto social, é fundamental. Para prevenir ou tratar este problema, é necessário obter informações sobre como aumentar a probabilidade de o idoso se manter ativo (FERREIRA; BARHAM, 2011).

## As possibilidades do reencontro com a subjetividade

Diante das consequências que a instituição total desencadeia, sendo caracterizada pelo seu afastamento para segregar os idosos do mundo exterior, as oficinas terapêuticas se tornam uma alternativa mediante o cenário em que estão inseridos, proporcionando o reaparecimento da subjetividade e uma maior interação social entre eles.

Os principais pontos abordados ao longo do artigo foram em relação ao resgate da subjetividade do sujeito envelhecido através de oficinas terapêuticas, enfatizando os desafios enfrentados diante do envelhecimento e a subjetividade do sujeito envelhecido no contexto da institucionalização.

No início, surgiu a necessidade de se buscar um entendimento sobre o resgate da subjetividade do sujeito idoso na perspectiva da institucionalização para que fosse possível a compreensão desse processo de reconstrução subjetiva para, posteriormente, entender, também, a respeito do reencontro da subjetividade do sujeito idoso a partir de oficinas terapêuticas. Nos próximos capítulos, isso ficou claro, sendo possível compreender os desafios enfrentados pelo sujeito idoso no contexto da institucionalização, buscando autores que se dedicaram a trabalhar diferentes possibilidades acerca do tema e proporcionando uma contribuição relevante para o desenvolvimento deste trabalho.

## Sobre o artigo

**Recebido:** 06/08/2021

**Aceito:** 16/09/2021

## Referências bibliográficas

ARAÚJO, L. F. de; COUTINHO, M. da P. de L.; CARVALHO, V. A. M. de L. e. Representações sociais da velhice entre idosos que participam de grupos de convivência. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 25, n. 1, p. 118-31, 2005. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932005000100010#end](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932005000100010#end). Acesso em: 08 dez. 2020.

BEAUVOIR, S. **Mal-entendido em Moscou**. Rio de Janeiro: Record, 1976.

BIRMAN, J. Futuro de todos nós: temporalidade, memória e terceira idade na psicanálise. In: VERAS, R. **Terceira idade – Um envelhecimento digno para o cidadão do futuro**. Rio de Janeiro: Relume Dumará/UnATI/UERJ, 1995, p. 29-48.

D'ORSI, E.; XAVIER, A. J.; RAMOS, L. R. Trabalho, suporte social e lazer protegem idosos da perda funcional: estudo epidioso. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 45, n. 4, p. 685-92, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/7LtJ4cdSWhXjHfKPchnjRgz/?lang=pt>. Acesso em: 03 dez. 2020.

FARIAS, I. D. de; THOFEHRN, M. B.; ANDRADE, A. P. M. de; CARVALHO, L. A.; FERNANDES, H. N.; PORTO, A. R. Oficina terapêutica como expressão da subjetividade. **SMAD – Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas**, Ribeirão Preto, v. 12, n. 3, 2016. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1806-69762016000300003&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762016000300003&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 12 dez. 2020.

FERREIRA, H. G.; BARHAM, E. J. O envolvimento de idosos em atividades prazerosas: revisão da literatura sobre instrumentos de aferição. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 579-90, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbgg/v14n3/v14n3a17.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2020.

FISCHER, R. M. B. **Trabalhar com Foucault: arqueologia de uma paixão**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1997.

FREUD, S. Luto e melancolia (1915). In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. 14, p. 245-63.

FURLAN, V.; ALVAREZ, M. D. (Im)possibilidades no trabalho com grupos de idosos em Instituições de Longa Permanência: uma experiência em Psicologia. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del-Rei, v. 11, n. 2, 2016. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-89082016000200014](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082016000200014). Acesso em: 07 dez. 2020.

GOFFMAN, E. **Manicômios, prisões e conventos** (1961). São Paulo: Perspectiva, 2010.

GOFFMAN, E. **Manicômios, prisões e conventos** (1961). Tradução de D. M. Leite. São Paulo: Perspectiva, 1987.

GOLDFARB, D. C. **Corpo, tempo e envelhecimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

LANE, S. O processo grupal. In: LANE, S.; CODO, W. (Orgs.). **Psicologia social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 78-98.

LÉVI-STRAUSS, C. Introduction à l'oeuvre de Marcel Mauss (1950). In: MAUSS, M. **Sociologie et Anthropologie**. Paris: PUF, 1997, p. IX-LII.

MAHEIRIE, K. **Agenor no mundo**: um estudo psicossocial da identidade. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1994.

MANZARO, S. de C. Envelhecimento: idoso, velhice ou terceira idade? **Portal do Envelhecimento e Longevidade**, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://www.portaldoenvelhecimento.com.br/envelhecimento-idoso-velhice-ou-terceira-idade/>. Acesso em: 09 dez. 2020.

MARIN, M. J. S.; MIRANDA, F. A.; FABBRI, D.; TINELLI, L. P.; STORNILOLO, L. V. Compreendendo a história de vida de idosos institucionalizados. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, 2012. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-98232012000100016](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-98232012000100016). Acesso em: 11 dez. 2020.

MELO, S. M. M. **Corpos no espelho**: a percepção da corporeidade em professoras. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

MENDIZÁBAL, M. R. L.; CABORNERO, J. A. C. **Grupo de debate para idosos**: guia prático para coordenadores dos encontros. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MESSY, J. **A pessoa idosa não existe**. São Paulo: Aleph, 1993.

MESSY, J. **A pessoa idosa não existe**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 1999.

MUCIDA, Â. **O sujeito não envelhece** – Psicanálise e velhice. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

NETTO, P. M. O estudo da velhice no século XX: histórico, definição do campo e termos básicos. In: FREITAS, E. V.; PY, L.; NERI, A. L.; CANÇADO, F. A. X.; GORZONI, M. L.; ROCHA, S. M. (Orgs.). **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

ROSA, C. M.; VILHENA, J. de. O silenciamento da velhice: apagamento social e processos de subjetivação. **Revista Subjetividades**, Fortaleza, v. 16, n. 2, 2016. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2359-07692016000200001](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692016000200001). Acesso em: 02 dez. 2020.

SANTOS, A. T.; SÁ, M. A. A. S. De volta às aulas: ensino e aprendizagem na terceira idade. In: NERI, A. L.; FREIRE, A. S. (Orgs.). **E por falar em boa velhice**. Campinas: Papyrus, 2000, p. 91-100.

SILVA, R. C. **Metodologias participativas para trabalhos de promoção de saúde e cidadania**. São Paulo: Vetor, 2002.

VIEIRA, R. F. **Identidade arquivada**: análise da identidade e da mortificação do eu dos velhos pelas práticas asilares. Belo Horizonte: Editora Newton Paiva, 1997.